

As considerações dos problemas inerentes ao historicismo eram destinadas a limpar o campo para a discussão das influências políticas, sociais e económicas que nos determinam. Iniciarei a discussão no seguinte ponto: ao encontrar-me a mim mesmo, encontro-me cercado de um povo e fazendo parte dele. Sou de certa forma determinado pela minha pertinência a um povo. Procurarei primeiro definir esta minha determinação, para depois considerar a possibilidade de superar essa determinação e libertar-me dela.

Qual é o significado do termo "povo"? Para podermos responder a esta pergunta, devemos primeiro definir o universo do discurso dentro do qual queremos empregar o termo. Isto se torna necessário, porque trata-se de um termo gaste, deformado e deturpado pela conversa fiada, um termo, com efeito, que é carregado de tanta carga de emoção a ponto de diluir o seu significado. Vou definir o universo do discurso no qual empregarei o termo "povo" como aquele universo do qual trata a sociologia. Creio que nesse universo o termo "povo" terá aproximadamente três significados. O primeiro significado o termo designa qualquer grupo de pessoas que tem descendência comum, e o problema da minha determinação pelo povo passa a ter aspectos da biologia. O segundo significado o termo designa qualquer grupo de pessoas que participam de um determinado tipo de administração territorial, e o problema da minha determinação pelo povo passa a ter aspectos da geografia. O terceiro significado o termo designa um grupo de pessoas em oposição a outro dominante, e o problema da minha determinação pelo povo passa a ter aspectos da economia. relegarei este terceiro significado para discussões posteriores. Passarei a considerar o primeiro significado.

A ideia fundamental deste significado do termo "povo" é a de uma família ampliada no curso de uma história hipoteticamente postulada. Seríamos um casal primordial formando a raiz de uma árvore genealógica, cujo tronco seria o povo, cujos ramos seriam as clãs, cujos galhos seriam as famílias e cujas folhas seriam os indivíduos que recebem a sua seiva vital do povo. É óbvio que se trata de um modelo que é fruto de um cientifismo vulgar e barato. Uma genealogia assim concebida ignora não sómente o fato da promiscuidade sexual, mas ainda o fato de que se existisse um povo neste significado do termo, (como não existe), este seria composto, de acordo com as regras de Mendel, por cretinos. A minha adesão existencial a este modelo implicaria em nacionalismo racista, que é a meu ver a forma mais nefasta de cientifismo aplicado. Felizmente na minha situação, isto é aqui no Brasil, o modelo é tão obviamente negado pela evidência que quase não pode ser aplicado.

A ideia fundamental do segundo significado do termo é a de um contrato social primitivo, hipoteticamente postulado. A divisão de trabalho, consequência da tecnologia nascente, teria exigido uma administração coletiva e um grupo constituinte de pessoas teria entrado em acordo para estabelecê-la. Esta administração se teria perpetuada pela história, e teria sido aumentada pelo consentimento tácito dos novos sócios que surgem por imigração ou por nascimento. É óbvio que este contrato primitivo e este consentimento tácito são fruto de cientifismo vulgar e de uma interpretação hipócrita da força determinadora do povo. Pressupõe implicitamente este modelo que eu me encontrei originalmente em situação de liberdade, e que me decidi nessa situação pelo empenho em prol do povo assumindo obrigações que decorrem dessa decisão livre. Embora a minha vivência imediata desmintam violentamente este modelo, e embora a história e a psicologia demonstrem a sua falsidade, é este modelo a base do nacionalismo e patriotismo que caracte-

riam tentar as manifestações públicas às quais estavam sujeitos. O fundamento hipócrita deste modelo pode ser sorvido nos gestos teatrais daqueles que são inspirados por este tipo de patriotismo.

Embos estes modelos não passem portanto de tentativas de tornar inócua a força determinante do povo sobre mim, são fugas e desexistencializam o problema. Mas ao mesmo tempo a descrever como vivo o povo imediatamente. Ao encontrar-me em contacto em conversação com outros. Originalmente estes outros formam um grupo muito reduzido, chamado "família", mas mais no sentido romanesco que biológico deste termo. Estou ligado a estes outros pelas informações que deles recebo e pelas articulações que emito em direção deles. Estas ligações têm forte carga emocional, isto é amo e ódio os outros que me cercam. Com efeito existe em função destes outros. Eles me determinam e eu procuro afirmar-me contra eles. Quando decorrer da conversação posso libertar-me da sua determinação, posso trançar a família, mas resta saber até que ponto ela continua no meu núcleo e determinar-me. Mas de toda forma esta libertação da família, por problemática que seja, é efetuada pela ampliação da conversação, isto é pela inclusão de mais outros. É um modo geral podemos dizer que o número dos outros com os quais converso é inversamente proporcionado com a carga emocional que a eles me une. Nessa atenuação das ligações com os outros reside justamente a minha libertação da situação primitiva. É claro que o que acabo de dizer não é a verdade estrita.

Na medida em que amplio a minha conversação encontro outros nos quais me reconheço de forma marcada, e com estes estabeleço ligações muito firmes. Este reconhecimento pode dar-se em diversas camadas da conversação, e assim surgirão as chamadas amizades, inimizades, amores e ódios que doravante me determinam. Mas estas novas ligações que estabeleço distinguem-se das primitivas pelo seu aspecto de decisão deliberada. Escolho os meus amigos num grau muito maior que escolhi os meus primeiros parceiros. É por isto que reina um clima existencial diferente nas minhas relações amistosas e amorosas que nas minhas relações familiares. Mas isto não exclui, obviamente, que passe a escolher as minhas amizades no meu círculo familiar, uma vez libertado parcialmente dele. É, afinal, a situação existencial é muito complexa.

Poris esta ampliação da conversação é por sua vez determinada pela conversação na qual me encontrei originalmente. Se, por exemplo, a conversação original for do tipo chamado "índios Kra", verificarei cedo que o âmbito da conversação esgotou-se. Terei talvez duplicado o número dos outros com os quais converso, e terei com isto esgotado o âmbito da conversação toda. Esta soma de outros com os quais converso será portanto o meu mundo, e o assunto dessa conversação será a realidade toda. É verdade que entrarei, nesta conversação, em contacto com outros, isto é com outros anteriores, mas o seu número será também limitado. A minha libertação pela ampliação da conversação terá sido insignificante. Em compensação continuarei firmemente ligado aos outros, e os meus problemas epistemológicos e religiosos serão desprezíveis. É um fato curioso que a minha libertação é acompanhada de perda de senso de ser abrigado. Na situação que estou descrevendo não surgirá, por exemplo, o problema do povo. Os índios Kra não são povo para mim, mas toda a minha circunstância humana. A tal ponto isto é verdade que se aparecer, na minha conversação, por exemplo um etnólogo americano, não serei capaz de reconhecer pelo um outro.

Mas se a minha conversação original for do tipo chamado "portuguesa civilizada", a ampliação será praticamente inesgotável, dada a forma escrita na qual este livro me aparece. Terei a meu dispor um número praticamente ilimitado de parcei-

ron. Não discutirei hoje a diferença existencial entre a minha conversação falada e escrita, mas quero apenas afirmar que minha ligação com, por exemplo, Platão pode ser existencialmente mais significativa que a minha ligação com a minha sogra. O que interessa no presente contexto é o fato que na medida em que amplio a minha conversação, descubro dois dados: a sua limitação e a sua estrutura. Descubro, em outras palavras, que existem outras conversações, e que estas se distinguem estruturalmente da minha. O que significa isto? Que verifico que a minha situação original estava inserida em outra, mais ampla, e que esta, por sua vez, não esgota a realidade toda. Existencialmente falando descubro que a minha libertação da situação original desvendou ligações mais profundas, embora mais ténues, que me determinam. Estas ligações mais profundas se dão em diversas camadas, e uma delas é aquela que o termo "povo" determina. Consideremos essa camada.

Esta é, prima facie, idêntica com a língua na qual a minha conversação discorre. Assumirei, para argumentar, que este aspecto linguístico do povo seja correto, e criticarei a identificação de povo com língua mais tarde. Concebido assim, é o povo o conjunto dos outros com os quais posso conversar e estabelecer ligações, enquanto que reconheço por analogia a existencialidade de outro tipo de ligações que para mim são insignificativas. Há outras palavras: o povo é o conjunto dos que conversam redonde de conjuntas que balbuciam. Que esta é a vivência original do povo, provam-no o termo grego "bárbaro" (aquele que balbucia), e o termo eslavo "nemes" (o mudo, isto é o alemão). Como a estrutura da língua na qual eu verso dá forma aos pensamentos que sou, e como as palavras das quais consiste essa língua dá conteúdo a esses pensamentos, pensa o conjunto que forma o meu povo da mesma maneira como eu e os meus assuntos que eu. Com efeito, eu não passo de variante dos temas e das formas básicas da minha língua, portanto de variante do meu povo. A minha existência é totalmente determinada pela minha língua, isto é não passa de uma entre as múltiplas possibilidades de realização do projeto que é o meu povo. Como posso libertar-me desta determinação profunda? De duas maneiras: dada a minha abertura para o nada, que já discuti neste curso, posso ultrapassar a conversação e formular estruturas e palavras ainda não articuladas, embora essa minha articulação tenha que ser de certa forma adaptada à conversação geral para ser comunicável. Assim terei no liberdade parcialmente de condicionamento, e terei ainda aumentado o terreno da minha língua. Ao me ter liberdade, terei aumentado o campo do meu povo. A segunda possibilidade de libertação reside na descoberta que o balbuciar que corre a minha conversação tem semelhanças com a estrutura da minha língua. Essas semelhanças me permitem estabelecer paralelos entre as minhas sentenças e o esse balbuciar, que deixa de ser balbuciar e passa a ser uma língua objeto da minha língua, que passa a ser metalingua. De certa forma poderei deravante participar de outras conversações, que agora passo a reconhecer como tais, embora essa minha participação não seja um verdadeiro empenho, já que necessita sempre como ponte referencial a minha língua. Nesse processo de adequação posso alcançar um estágio no qual a relação das duas línguas passa a ser reversível. A língua objeto pode tornar-se metalingua da minha própria língua. Neste ponto terei operado o meu povo, e o termo "povo" deixará de ser significativo para mim na definição acima esboçada. Embora o povo continue a determinar algumas das minhas sentenças, não determinará todas, e nesta possibilidade de tradução residirá a minha liberdade.

Criticarei agora a noção da igualdade entre língua e povo. Em primeiro lugar é o termo "língua" um termo vago. Uma determinada língua não é um sistema fechado, mas aberta para todos os lados e absorve estruturas e palavras de todas as demais línguas, próximas ou distantes, com grande facilidade. Um povo, no entanto, é um termo que procura designar algo razoavelmente determinável. Em segundo lugar consiste a língua de níveis de conversação que se cruzam e entrelaçam, e alguns dos quais, como por exemplo o nível da matemática, abrangem muitas línguas. Um povo, no entanto, é um termo que procura designar algo de razoavelmente compacto. Em terceiro lugar tende a conversação de uma língua, ao progredir, a fragmentar-se, criando assim espécies de línguas-filhas. Mas já no estágio inicial dessa fragmentação, quando a conversação ainda está unida em muitos níveis, tendemos a falar em diversos povos. Enfim, embora devamos admitir que há uma relação entre língua e povo, esta não é de igualdade, e a nossa tentativa de tornar existencialmente significativo o termo "povo" por sua identificação com língua deve ser considerada fracassada.

Entarei agora uma aproximação histórica do problema. Lançarei a hipótese que o termo "povo" designava originalmente o grupo dos que conversam em uma determinada língua, e de que neste significado original o termo "povo" correspondia a algo existencialmente significativo. Designava, com efeito, um grupo de co-existências, no sentido de existências que pensavam de forma semelhante. Exemplos deste uso do termo seriam o povo ateniense, o povo fenício e o povo romano. No curso da história, com a crescente expansão e complexidade das línguas, e especialmente da língua latina, o termo "povo" perdeu de significado existencial e caiu, efetivamente, quase em desuso. Conservava significado apenas nos chamados povos primitivos. A existência civilizada, na sua procura de sondar-se, não se sentia determinada por um povo, embora evidentemente por uma língua. A revolta contra a língua latina, que era uma revolta motivada por tendências muito complexas e que agiam em diferentes níveis da conversação, fez ressurgir o termo "povo" em novo contexto. A saber, como negação do grande império romano. Mais que designação fática era o termo um brado de guerra deliberado e ad hoc construído. A idade moderna, e mais especialmente os séculos 18 e 19, procuravam recheiar esse termo mais ou menos vazio de conteúdo, e já que faltava um conteúdo na vivência imediata, buscavam o conteúdo na literatura e no apelo a distantes. Esse recheio foi conseguido no Romantismo, e agora o povo se tornou uma força tenível como que com significado de segundo grau, deliberadamente construído. Podemos observar este processo claramente. Ainda no iluminismo o termo "povo" é altamente literário e retórico, mas com a revolução francesa adquire o seu novo caráter violento. As forças económicas, dos quais tratarei em outro contexto, foram desviadas e violentadas para se adaptarem a este conceito. A esta mistura de sentimentalismo, literatura e economia resultou naquela massa explosiva que conhecemos das guerras do século 2<sup>o</sup>.

O que acabo de dizer nega, é verdade, ao termo "povo" um significado imediato na situação que me cerca, mas não nega, obviamente, a importância de conceito para a minha vida. Se a conversação que me cerca contém o termo "povo" na frequência que todos conhecemos, e se este termo é empregado em contextos altamente carregados de emoção, é óbvio que este termo me determina. É, creio, um caso típico daquelas forças determinantes que desaparecem quando analisadas.

Recurarei portanto definir o significado do termo "povo" na circunstância que me

cerca. Sou determinado pelos outros com os quais converso. Converso em diferentes níveis e com intensidade variável. Em certos níveis, dos quais falarei ainda no decorrer deste curso, os outros que participam da minha conversação me determinam indiretamente, como por exemplo naquela conversação chamada "economia". Outros níveis são mais íntimos e limitados. De algumas conversações participo ativamente, de outras apenas passivamente. A análise desses níveis é sinónimo da análise das forças que me determinam. Dentro desses níveis não encontro nenhum que corresponda ao uso do termo "povo". Existencialmente falando, o termo "povo" é uma falsidade. Não existe povo. Mas já que o termo existe, ele age sobre mim de maneira determinante dentro do vários níveis de significado. Neste sentido ele serve de pretexto para minhas ações, e de fonte para meus sofrimentos. O termo adquire um significado existencial, quando procuro identificá-lo com o termo *lingua*. Mas essa identificação é insustentável.

Aplicamos à minha análise a nessa situação concreta, isto é substituímos o nome de classe "povo", pelo nome próprio "povo brasileiro". Encontro-me em situação que chamo, dado o uso corriqueiro desse nome próprio, de "conversação brasileira". Mas isto não resiste a uma análise daquilo que vivencio. Estou em conversação íntima com um grupo de parceiros, mas estes perfazem, obviamente, apenas uma parte ínfima daquilo que o termo "povo brasileiro" pretende. Estou também em conversação, principalmente pela leitura, com parceiros que ultrapassam o âmbito desse termo. Existe uma administração política e social chamada "governo brasileiro", e esta sim me determina em certo sentido. Mas crer que ela é uma função do povo brasileiro seria ingenuidade que discutirei em outro contexto. Sinto uma certa afinidade com o caboclo do interior, dado a semelhança das nossas línguas. Neste sentido participam todos aqueles que falam a língua portuguesa de um determinado grupo de valores resultantes da estrutura da língua. Mas sinto uma afinidade diferente, e certamente não inferior, com um intelectual finlandês, porque participo com ele na conversação em outro nível. O modelo que afirmo que estou ligado ao povo brasileiro por laços biológicos, é óbvia falsidade. O modelo que afirma que se trata de uma associação deliberada para fins administrativos é óbvia hipocrisia. Devo concluir daí que o termo "povo brasileiro" é tão vago e vazio a ponto de se tornar insignificativo? Não posso fazê-lo, porque sinto que o termo solicita a minha adesão pelo uso recorrente na conversação que me cerca. Como devo portanto justificar o meu empenho em prol desse suposto povo?

Creio que esta justificativa deve partir de análises como esta que acabo de esboçar tão superficialmente. Esta análise limpa o campo de toda conversa fiada que se amontou em redor do termo "povo". Feita esta análise, sinto-me livre da determinação que este suposto povo sobre mim exerce, e estou em situação de mais ou menos livre escolha. Verificarei depois que o termo "povo brasileiro" designa uma série de valores e conceitos aos quais posso aderir ou não, ou aos quais posso aderir em parte para modificar o resto. Se faço esta escolha, se me empenho neste sentido, terei assumido, creio uma posição honesta. Doravante terá o meu empenho em prol do povo brasileiro, e mais especialmente em prol da cultura do povo brasileiro, um significado válido, embora des-sentimentalizado. Ferei escolhido, neste empenho, um campo para a minha própria realização que é, por isto mesmo, um campo no qual posso enriquecer os meus parceiros. No caso concreto do povo brasileiro isto é felizmente facilitado pelo fato de não se ter ainda enrustado definitivamente este termo. Digamos que se trata de um povo em formação, e o que pretendem

mos dizer com isto é que o termo ainda não tem um significado determinado. O nosso empenho em prol do povo brasileiro ajuda na formulação de valores ainda não inteiramente articulados. Trata-se portanto de um empenho autêntico, desde que consiga libertar-se da carga da conversa fiada. Mas talvez seja esta nossa situação uma exceção na cena da cultura ocidental, isto é na cena das conversações gerais das quais participamos. No Brasil o empenho em prol do povo no significado que procurei elaborar ainda é significativo, quando não passa de mera pose por exemplo na Bélgica ou na França. Mas é óbvio que estas considerações se ligam à situação económica, que evitei propositamente, já que pretendo discutir-la em outro contexto. Peço portanto aos senhores que mantenham essa limitação em mente durante a discussão, a qual lhes convide.